

JORNAL: DIÁRIO DE NOTÍCIAS LOCAL: RIO DE JANEIRO

DATA: 3 / 10 / 1968 AUTOR: FREDERICO MORAIS

TÍTULO: TRÓPICO E ORDEM

ASSUNTO: F. MORAIS ANALISA EXPO IVAN NA BONINO

## artes plásticas

D.N. 03-10-68

FREDERICO MORAIS

# Trópico e Ordem

duplicat

COMENTANDO a exposição de Ivan Serpa, encerrada no último sábado, na Galeria Bonino, citei uma frase de Seurat («Não há poesia no que faço. Eu apenas aplico o meu método — isto é tudo») com o objetivo de assinalar na obra de ambos artistas separados por quase 80 anos, o caráter construtivo de suas propostas. Mas, também, para, em salientando a ausência de uma poesia «literária», ressaltar um outro tipo de poesia, mais próxima da ciência. O seu conteúdo é outro e de sentido visual: as virtualidades do espaço, a vibração cromática, aquela ambigüidade estruturada de que fala Eco. Para Marcel Duchamp, o Neo-Impressionismo, do qual Georges Seurat foi a principal figura, inclusive na arte atual. Ora, a poética da «op» (pintura retinica) é a que revela um mundo precário, transitório, inconsistente e fluídico, uma existência que escapa continuamente à cristalização ou permanência.

### QUENTE/FRIO

Seurat esfriou o impressionismo ao sistematizar o emprêgo das cores em suas composições meticulosas. Recusando as impressões passageiras, e submetendo a composição à leis, aproximou-se de certos pintores clássicos, como por exemplo, de Piero della Francesca. Quem vê seus quadros tem a sensação

de estar presenciando um desfile parado, uma paisagem congelada. Ivan Serpa também esfriou a paisagem ou melhor o tema erótico de seus desenhos. O erotismo inicial desaparece, cedendo lugar a uma ordem visual fria. Não é o torso nu, que interessa, mas as torsões rítmicas, que fazem lembrar, no plano da escultura, Jean Arp, assim como a monumentalização da figura aproxima-se daqueles montões de carne da pintura antropofágica de Tarsila do Amaral. O corpo feminino é deformado, como que reinventado, atendendo a uma necessidade de construção do desenho. Como Seurat, a meta de Serpa é uma espécie de vibração ótica: o ponto é mais o grânulo de uma fotografia ou a retícula de um clichê. Nêle, a elaboração excessiva nega o erotismo: ou há um outro erotismo: o da forma (e da execução). Nos demais desenhos de linhas labirínticas, este caráter ótico é por demais evidente.

Cessam aqui as afinidades. E surgem as diferenças. Herbert Read via na arte uma forma de negação/oposição da natureza. Num país como o nosso em que prevalece a desordem natural e administrativa, a arte tende a buscar para si uma ordem que permita sobreviver e modificar o ambiente. Neste sentido, a pintura de Serpa, por ser construtiva, é realista. Ora, uma das qualidades atuais da

pintura de Serpa é precisamente a sua nova cor, a claridade quente de sua fase amazônica. Seus novos quadros são como que visões aéreas do vasto continente amazônico, assim como o verde sugere aquele «fora» gigantesco, pré-histórico, silencioso e intemporal que contorna, circunda o pequeno «dentro» de nossa paisagem física (e estes vazios e cheios são também econômicos, sociais, culturais). É pela cor pura, quente, luxuriante e faustosa — que Serpa reencontra e revela a realidade brasileira. Da mesma forma, no império da ordem, que são efetivamente os seus quadros a linha barrôca se faz sentir — contida, quieta, mas ainda assim, presente. E suprema ironia, é ela, invariavelmente, que assinala o número, aquele momento, parada ou respiração que define o ritmo total do quadro. É esta linha barrôca de sua pintura (curiosamente muito mais carregada de erotismo que o seu desenho) que liga sua obra atual à raiz verdadeiramente brasileira de nossa arte.

A importância da pintura de Ivan Serpa reside aí, na presença simultânea e contraditória dos dois cógitos que definem nossa cultura: o cógito irracional (o barrôco e o trópico) e o «cógito ergo sum» cartesiano, ou seja, uma vontade de ordem e coerência já assinalada no barrôco mineiro, em nossa arquitetura, no concretismo (poesia e artes plásticas).